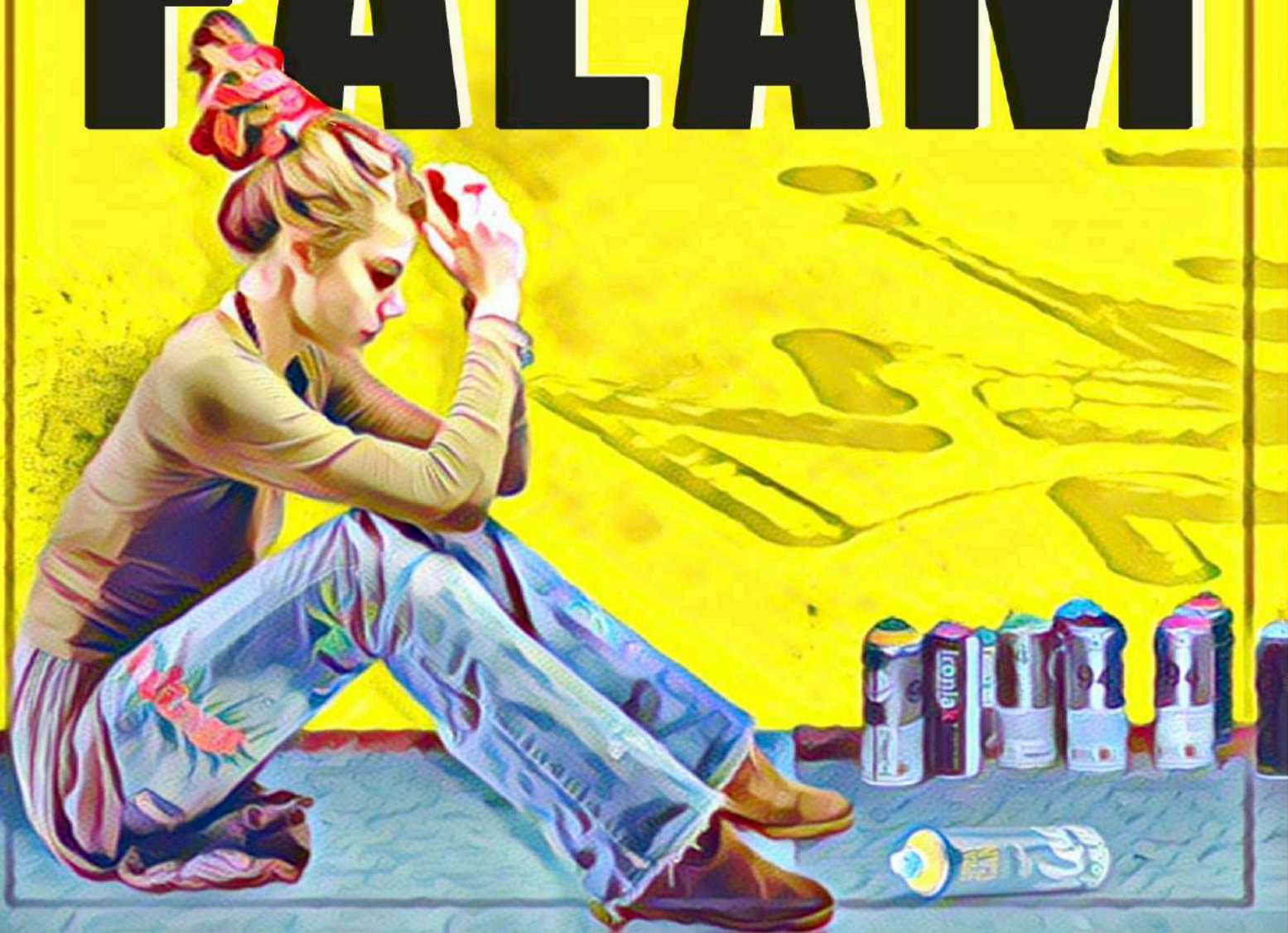


JEAN-MARCEL

# QUANDO AS PAREDES FALAM



# *Quando as paredes falam*

Um livro de Jean-Marcel



“É na arte que o homem se ultrapassa definitivamente.”

Simone de Beauvoir

# Apresentação

Que menina já não sonhou viver uma típica história de princesa, uma daquelas iguais aos que os pais contam para suas filhas para fazê-las dormir? Pudera, com seus corpos de modelo, ainda que não frequentem academia, e cabelos que balançam mesmo sem uma brisa sequer, elas atraem príncipes de peito largo e sorriso perfeito, dispostos a lutar pelo seu amor. Mas o mundo da Nick só se parece com um reino encantado nos desenhos coloridos que preenchem quase todos os espaços em branco do seu caderno de matérias. Nele, castelos disputam espaço com equações incompletas e bandeiras tremulam ao lado de enfadonhas anotações. Ela os faz sonhando acordada, quando deveria estar prestando atenção na aula.

E assim, dia após dia, Nick vai vivendo suas duas vidas que nunca se encontram: uma real, nada emocionante ou glamourosa, e outra do jeitinho que sonha, pena ser imaginária! Então, para evitar futuras decepções, vou logo avisando: a história que se desenrolará ao virar as próximas páginas tem tudo para não ser um conto de fadas, embora os títulos dos capítulos e a Nick insistam na tese! Mas quer saber? Talvez Cauê, o garoto estranho que acaba de chegar ao colégio, por quem Nick acaba nutrindo amor e ódio, a leve para um mundo ainda mais fascinante. Um mundo em que ideias se materializam com cores fortes e traços precisos. Um mundo onde a arte não cabe numa folha de caderno, nem pode ser aprisionada em molduras ou mesmo confinada em galerias. Um mundo em que sentimentos gritam a plenos pulmões em muros e marquises.

Bora lá?!

Jean-Marcel

Ah, já ia esquecendo... No final do livro tem um glossário de termos e expressões mais usados no mundo do grafite, que poderá ser consultado sempre que se deparar com uma expressão desconhecida.

## ÍNDICE

**I – Era uma vez...**

**II – Princesa solitária procura...**

**III – Defendendo meu castelo**

**IV - Se não pode vencê-los, junte-se a eles.**

**V - Reconectando**

**VI - Príncipes sentem medo?**

**VII - Princesas boazinhas não se divertem**

**VIII - O reino está em festa... #soquenao.**

**IX - Meu príncipe virou sapo!**

**X - Peguem suas armas, a batalha se aproxima!**

**XI - O campo de Batalha**

**XII - A primeira batalha**

**XIII – Game over**

**XIV - Só acaba quando termina...**

**XV - De volta ao jogo**

**XVI - O duelo**

**XVII – A batalha final**

**XVIII - Explorando outros reinos**

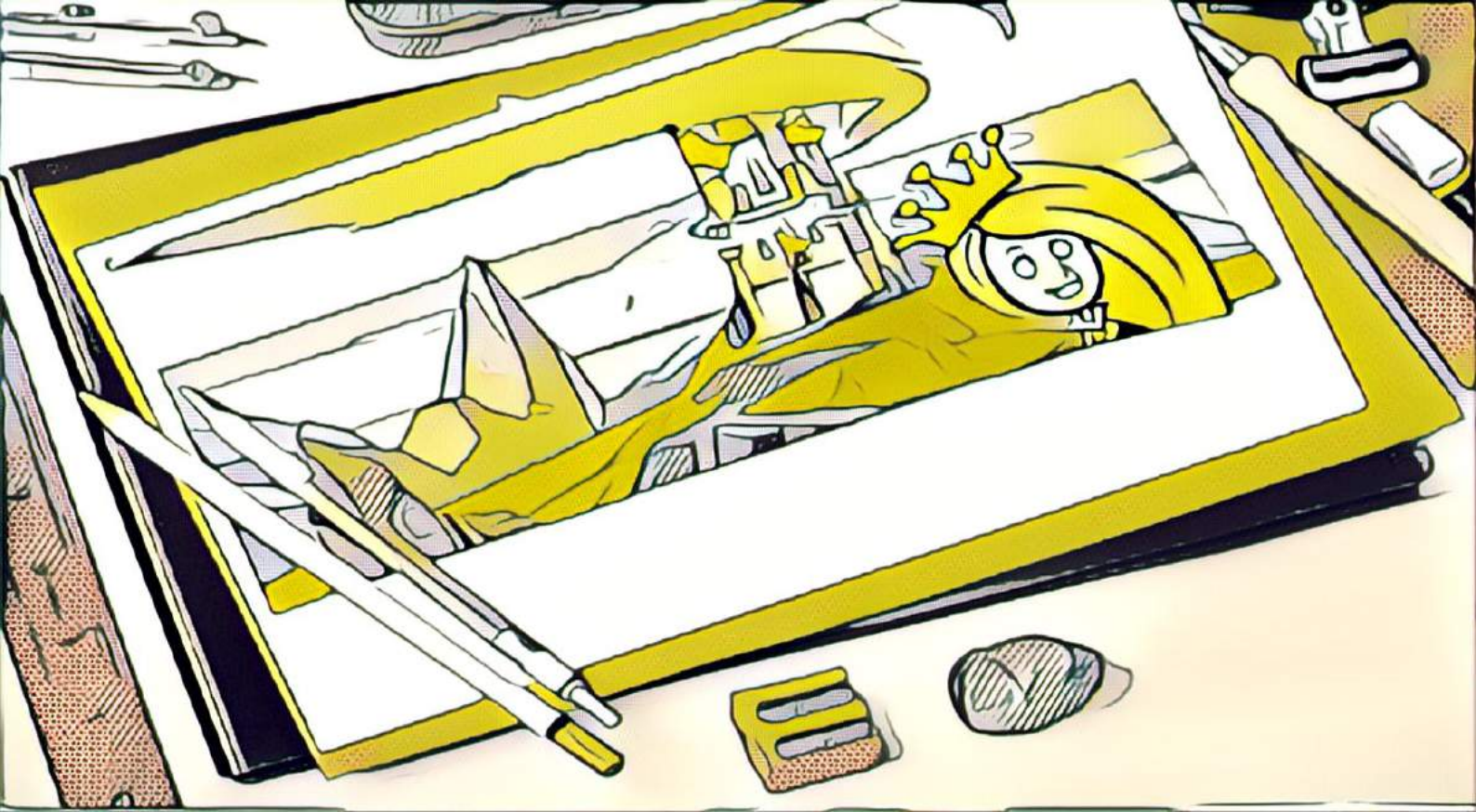
**XIX - Quando as paredes falam**

**XX - Depois do “felizes para sempre”...**

**Glossário**

# Os seres da noite

Não faz muito que o último raio de sol abandonou o centro de Desterro. De office-boys a gerentes, de médicos a advogados, de secretárias a toda sorte de gente que trabalha nos prédios próximos, nenhum deles está ouvindo soar as badaladas dos sinos da catedral, pois há muito trancaram suas gavetas, apagaram a luz de suas salas e partiram para o conforto de suas casas. Trabalhando, só os catadores de latinhas, que nas calçadas reviram com urgência as lixeiras, se antecipando ao caminhão da prefeitura que logo recolherá as sobras da cidade. É tarde para os trabalhadores do dia, mas ainda é cedo para os profissionais da noite: prostitutas, travestis, ladrões, policiais, vigias e porteiros... Nenhum deles surgiu ainda, como fazem invariavelmente todas as noites. E é a essa legião de seres notívagos que os wall writers pertencem. Como vampiros, escondem uma segunda personalidade que é revelada somente quando o sol se vai e a cidade é abandonada à própria sorte: se de dia são apenas mais um na multidão, de noite reinam absolutos. Enquanto garotas de programa guardam as esquinas, skatistas se apoderam do asfalto vazio e mendigos ocupam os bancos das praças, eles escalam muros, marquises e fachadas para registrar com tinta seus gritos e preces. É um breve reinado, que dura só até que surjam os primeiros raios de sol restabelecendo a ordem e a hierarquia das coisas.



# I – Era uma vez...

“Bem no alto de uma montanha, acessível somente por uma estrada que serpenteia um denso bosque, está o castelo mais bonito e imponente que jamais se viu. Vistas do vilarejo, suas muralhas são incrivelmente altas, e suas torres pontudas parecem querer tocar o céu. Nelas, tremulam bandeiras de um amarelo intenso...”

“Aff, o amarelo tá com a ponta quebrada”, resmungo em pensamento. Meus dedos reviram o estojo apressadamente em busca de um substituto. Escolho um lápis vermelho.

“As bandeiras, de um vermelho intenso, contrastam com o céu, balançando o símbolo do reino ao sabor do vento...”.

“E a jovem princesa, com seus cabelos curtos...”

“Puts!”, resmungo, diante do lápis que correu demais.

“...E a jovem princesa, com seus cabelos COMPRIDOS...”

Enquanto mentalizo a cena, o grafite risca o papel freneticamente, materializando meu conto de fadas na velocidade do pensamento. Paro um segundo e desfruto do meu castelo, com suas bandeiras tremulando. Consigo sentir as rajadas de vento. “Tá ficando maneiro! Maneiro não... O desenho tá ficando do cacete!”

Rafa me cutuca as costas e sussurra algo que não entendo.

– Só um minuto – peço, sem desviar meu olhar do caderno que deveria conter só explicações e exercícios de matemática.

“E neste reino, onde todos são bons e justos, a linda princesa vive na companhia do seu gato fofo e peludo.” Uso o mesmo lápis vermelho das bandeiras e dos lábios da princesa para vestir a gravata no bichano.

Um forte chute no encosto da minha cadeira me tira do mundo de fantasia.

– aterrissa, garota! – É a Rafa novamente, minha melhor amiga, digo, minha única amiga, sussurrando atrás de mim. – Volta pra terra.

Ergo a cabeça e vejo o professor de matemática, de braços cruzados, me encarando.

– Você pode nos dizer qual é a resposta correta, senhorita Nicole?



“Nick... me chame de Nick!”, penso, enquanto o encaro, mas não ousou corrigi-lo. Não em voz alta. Detesto que me chamem pelo nome. Acho que a culpa é da minha mãe, que só me chama de Nicole para dar bronca ou sermão.

– Temos todo o tempo do mundo. – O professor debocha, provocando risadinhas na sala.

– O.k.! A resposta... – Respiro fundo e tento compreender sozinha e em poucos segundos o que ele explicou durante boa parte da aula. Desesperada, corro os olhos pelas equações e gráficos que cobrem todo o quadro negro. Eu não tenho ideia nem mesmo de em qual tópico da matéria estamos, que dirá da resposta do exercício.

– A resposta correta é...? – Ele insiste, tamborilando um dos pés no chão.

– “A” – Arrisco, certa de que terei, ao menos, vinte e cinco por cento de chance de sucesso.

– Como é que é?

– A resposta certa é a “A” – repito, com voz firme, fingindo convicção.

A turma, na mesma hora, explode numa tremenda gargalhada, enquanto o professor aponta o olhar para o céu, como quem suplica por um novo estoque de paciência.

– “C” – Corrijo, com a voz insegura, o que só faz aumentar as risadas. Agora, até a Rafa está rindo de mim.

– Qual é a graça? – sussurro para trás, irritada com o “fogo amigo”.

A Rafa, tentando segurar o riso, me explica que a questão não era objetiva, mas, sim, de verdadeiro ou falso. E que o professor, ao me ver desenhando, tinha parado a aula há um tempão e desde então todos me

observavam em silêncio, esperando eu me tocar e voltar pro mundo dos mortais.

– Que droga! – lamento, cruzando os braços e afundando na cadeira. “Parabéns, Nick!”, eu me felicito em pensamento por não ter ficado calada; afinal, dar bola fora é mesmo a minha especialidade.

O professor pede com gestos que a sala pare de rir. Seu olhar anuncia a bronca e eu me sinto diante do pelotão de fuzilamento. Aposto que vai começar a fase dois do ritual de suprema humilhação: o sermão do aluno descompromissado.

Bléééémmm. Como um gongo salvando um boxeador quase a nocaute, o sinal do recreio soa estridente no corredor. As risadas são substituídas pelo arrastar de cadeiras e carteiras, já que cem por cento da turma têm pressa em chegar à fila da cantina.

A próxima aula será no laboratório de informática; então, começo a recolher meu material, fingindo não dar bola para a zoação, que não tem fim.

– Então, a resposta é “A” – Alguém zomba, ao passar por mim. – “A”, de avoada. – Outro provoca, gargalhando.

Ignoro o colega. Olho para o meu desenho incompleto, como quem olha para um espelho, e deixo escapar um suspiro profundo, denunciando meu desânimo. “Não tem jeito, acho que o final feliz não é pra todos”, concluo.

– Falta profundidade. – Ouço uma voz masculina e aveludada comentar baixinho por sobre meu ombro.

Num gesto instintivo, fecho o caderno e me viro, a fim de confrontar quem ousara criticar meu desenho. Que falem o que quiserem de mim, mas não dos meus desenhos.

O garoto, autor do comentário, não me dá chance para a réplica, se mistura com os outros alunos e segue o fluxo, com sua mochila no ombro, a caminho da porta.

Apesar de estarmos na mesma turma, eu nem sei o seu nome. Ou, se sei, não lembro. É aluno novo, entrou este ano no colégio, mas mesmo assim eu já devia conhecê-lo melhor; afinal, estamos no meio do semestre. É que tirando o momento diário em que ele responde a chamada ao passar pelo professor, pois sempre chega atrasado, não lembro de ter ouvido sua voz uma única vez. Aposto que é aluno bolsista, pois o nosso colégio é o mais tradicional e caro da cidade e esse moleque não parece pertencer a este mundo. Ele é bem diferente dos outros garotos da sala. Tem um jeito... Como eu posso descrevê-lo? Um jeito "estranho" de se vestir. Isso mesmo, ele é um moleque "estranho": seus tênis são todos ilustrados a caneta esferográfica e suas roupas são anônimas, quer dizer, não tem grife alguma. Desconfio que ele mesmo faça as estampas das suas camisetas. Não que sejam feias, mas é... estranho. E como ele é calado demais, é só o que eu sei a respeito dele. Ainda assim, definitivamente ele não pode ser classificado como tímido. Garotos tímidos andam com os ombros encolhidos e o olhar no chão, como quem conta lajotas. Mas ele não, ele está sempre de queixo erguido, com uma autoconfiança que beira a soberba.

– O que tem de errado no meu desenho? – questiono, num tom acima do normal, para que a pergunta chegue até ele. Como não tenho resposta, insisto, quase gritando: – Ei, o que você quis dizer? – berro, vendo-o distanciar-se cada vez mais.

– Que você precisa melhorar a perspectiva – ele responde, entre sereno e indiferente, sem nem se virar. E some porta afora.

Enfio de qualquer jeito o resto do material na mochila e tento alcançá-lo. Estou bufando de raiva. Primeiro, porque não o autorizei a ver meu desenho. É como se ele tivesse lido meu diário secreto. Uma invasão inaceitável! Depois, porque, não satisfeito em xeretar meu desenho, ele o criticou. E quem é ele para criticar alguma coisa?

Ainda que eu tenha me apressado, quando chego à porta da sala ele já está longe, montado sobre um skate, seguindo pelo corredor num zigue-zague ligeiro, desviando a toda velocidade dos demais alunos.

– Babaca! – Xingo o mais alto que posso, com as mãos formando um megafone diante da boca.

– Olha só – Rafa alerta baixinho, temendo que alguém a escute –, gata, presta atenção! Tem garotos que são só pra serem amigos. Outros, só servem pra ficar de vez em quando. E tem os que são pra namorar.

Eu a olho com surpresa. No momento, a minha vontade é de torcer o pescoço daquele moleque. E ela falando em namorar?!

– O.k., sabichona, e esse espécime está em qual categoria?

– Nenhuma das anteriores – ela diz –, esse não é nem pra chegar perto!

– E me escolta até o pátio, só para ter certeza de que eu não arrumaria encrenca.

\* \* \*

São vinte longos minutos de espera na fila da cantina para depois devorar um misto quente em menos de três mordidas.

– Nossa, que fome que eu estava – comento.

Apesar de toda a insistência da minha mãe, saí de casa, como sempre, em completo jejum. Hoje, ela quase suplicou que eu comesse “ao menos um cereal”. Prefiro quando ela briga comigo, porque aí sei o que dizer. Mas quando pede... Aí, tenho de baixar os olhos para não ver sua expressão preocupada, que me corta o coração. Será que só ela não vê que eu preciso reduzir ao menos dois furos no cinto?! A Rafa é outra que diz que estou ficando magra demais, mas ela é do tipo de amiga que fala qualquer coisa para me agradar.

– Vou no banheiro – aviso a Rafa.

– Número um ou número dois? – ela pergunta com risinho debochado.

“Número três”, penso em confessar, mas prefiro olhá-la de alto a baixo e enquadrá-la:

– Isso é mais informação do que você precisa – disparo, já me afastando.

Ela vai para o laboratório, eu sigo direto até o banheiro das meninas.

“Beleza, vazio!”, comemoro ao abrir a porta.

Vou até a última cabina, meu velho refúgio, e tranco a porta. Tenho pressa. Enfio o dedo na goela com vontade. Tento não fazer barulho, mas deixo escapar um ruído abafado.

Depois de dar descarga umas três vezes, destravo a porta com um misto de alívio e culpa. Ao abri-la, deparo-me com meu mais novo desafeto me encarando.

– Ei! – Dou um passo atrás.

Com olhos arregalados, ele parece tão assustado quanto eu, como alguém surpreendido fazendo algo errado.

– Está melhor? – questiona, escondendo algo nas costas. É a primeira vez que o vejo sem jeito.

– Comi algo que não me fez bem. – Minto. – E você, o que tá fazendo aqui?

– Ora, que pergunta indiscreta. O que uma pessoa faz no banheiro?! – ele responde, com um sorriso sem graça. Seus olhos castanhos se voltam para o chão.

– É, mas esse é o banheiro feminino – eu digo, enquanto estico o pescoço, tentando enxergar pelo reflexo do espelho o que ele se esforça para ocultar atrás de si.

– Esse é o feminino? Jura? Caraca, sou mesmo atrapalhado – diz, andando para trás até alcançar a porta.

Ele se vira num gesto rápido e sai, apressado.

Observo a minha imagem no espelho. Abro a torneira. Começo a lavar a boca. A porta do banheiro abre novamente. É ele, que enfia a cabeça para dentro e diz, me olhando diretamente nos olhos:

– Você é gata. Não precisa disso. – E sai, sem me dar chance, pela segunda vez no mesmo dia, de respondê-lo.

Brava é pouco para me descrever bufando e resmungando sozinha. Ele acha que é meu consultor? Não preciso, nem quero sua opinião! Minha vontade é de buscá-lo pelo cabelo, enfiar sua cabeça no bacio e apertar a descarga. Preciso só de meio segundo com ele para lhe dizer que pare de se

meter na minha vida. “Aff!”, suspiro, tentando acalmar-me. Contudo, minha raiva contrasta com uma sensação boa, por ter sido achada bonita.

Ouçõ o sinal tocar no corredor. Não tenho muito tempo para chegar ao laboratório. Na verdade, cinco minutos. Depois disso, a porta será fechada e ninguém mais poderá entrar. Para quem fica de fora: coordenação! Já estou saindo do banheiro quando vejo, de relance, algo escrito na parede de um dos boxes. Me aproximo para ver melhor. A frase foi escrita com uma caligrafia estilizada que eu adoraria saber fazer:

“Quando **GRITAR** não adianta,

sussurre!

Todos te

ouvirão...”

E, logo abaixo, vejo uma sigla que não me diz muita coisa: TW6.

Com o braço já esticado, me aproximo até a ponta do meu indicador encostar na pichação. Não sei por que, mas faço isso com cuidado, como se temesse levar um choque ou algo assim. Não fico surpresa ao constatar que a tinta ainda esta úmida.

“Ah, garoto...”



## II – Princesa solitária procura...

Dia corrido. Mal cheguei da escola e já tenho de sair da minha casa às pressas. Almocei só o suficiente para provocar um sorriso na minha mãe. Agora, pedir licença e me livrar discretamente desse “peso” indigesto. Preciso emagrecer pelo menos mais cinco quilos!

Me despeço do Matisse com um cafuné apressado. Ele ronrona sem nem me olhar. Hora de voar para aula de inglês no centro. Espero que hoje não seja *cooking experience*.



No ônibus, faço no colo os deveres que deixei de entregar na aula passada. A professora tem cara de coitadinha, só por isso não digo a ela que aprendo mais vendo minhas séries prediletas do que nessas aulas infantis.

A aula de inglês foi um saco. Estou zanzando sozinha no shopping. Próximo compromisso: aula de jazz! Mas antes quero encontrar um vestido novo que encasquetei de comprar. Só que tem de ser exatamente como o que vi usando uma menina que acompanho no insta. Ela têm quase um milhão de seguidores. Eu sou um deles. Inspeciono metodicamente as centenas de vitrinas de cada um dos andares. Subi e desci tantas vezes a escada rolante que o segurança acaba de me cumprimentar, primeiro com um sorriso, depois, acenando, como se já fossemos íntimos. Abano de volta.

“Achei!”, avisto de longe, numa das lojas mais caras do shopping. Corro para a vitrina que exhibe um vestido bem parecido com aquele que a menina do insta usava. Na vitrine, ele veste uma mulher sem cabeça, ladeada por outras duas descabeçadas. “Menina, você vai arrasar!”, digo em pensamento, já me imaginando dentro dele.

Me aproximo.

“Puts, tudo isso?”, avalio o preço na etiqueta presa com alfinete. “É quase o valor total que eu pedi à minha mãe para comprar o vestido, mais um tênis e uma calça.” Se antes a questão era de somatória, agora, virou A, B, C ou D... E eu sou mestre em assinalar a opção desejada, ainda que não seja a correta. “E a resposta é “A”: vestido sexy”, decreto. Conto novamente as notas de cem na carteira, respiro fundo e entro na loja, já apontando para meu objeto do desejo.

Minutos depois, no provador, de frente para o espelho, tento animar-me, ainda que o resultado esteja longe do desejado. Insisto. Viro para um lado, em seguida para o outro. Faço um biquinho. Depois, de costas, torço o pescoço para continuar me analisando. Se na Se na garota do insta o vestido atraía olhares e provocava suspiros, em mim não ficou sequer “charmosinho”, muito menos “arrasador”, como eu esperava. A magia do vestido não está funcionando. Meus peitos – seios, como minha mãe insiste em me corrigir – precisariam ter o dobro do tamanho, e minha cintura, a metade da circunferência.

– Esse vestido foi feito pra você. – A vendedora tenta me convencer, com um sorriso tão artificial quanto seu nariz arrebitado. Seus dentes são incrivelmente brancos e isso me incomoda. Fico olhando desconfiada, tentando descobrir se são mesmo naturais ou lentes de contato. Ela é bonita de um jeito irritante: bronzeado de quem está de férias, cabelos que parecem flutuar quando ela gira o pescoço e barriga negativa de quem sabe seu percentual de gordura de cabeça... o que só aumenta meu mau humor. Penso em mandá-la buscar outra peça, só para ter alguns segundos sozinha. Nada ficará bem em mim enquanto eu estiver ao lado dela.

Dou um passo atrás e olho uma vez mais meu reflexo. Agora é oficial: Odeio esse vestido! Uma vontade incontrolável de rir me invade. Imagino que um guarda-sol se fechou sobre mim, deixando só minhas pernas e cabeça de fora. É essa a imagem que eu enxergo no espelho. A vendedora, vendo-me sorrir, também abre um sorriso, achando que fechou a venda. E então, decerto imaginando a comissão que receberá, decreta, como se fôssemos velhas amigas:

– Demais, né?! Os gatinhos não vão resistir.

Olho para ela de alto a baixo e conto até dez para ver se passa a vontade de assassiná-la. Não passa, mas prefiro só sair, sem levar nada. Para vendedoras de shopping, isso é pior que a morte. Ao atravessar a porta da loja, ainda ouço uma voz, que vai ficando cada vez mais distante à medida que me afasto, me chamar:

– Já sei! Quem sabe uma batinha curta? Tenho uma que é a sua cara.

"Tava demorando", penso, resignada. Minhas incursões no shopping sempre terminam com a vendedora me oferecendo uma bata, enquanto saio do provador sem nada nas mãos.

Na aula de jazz o professor me elogia. Diz, pela centésima vez, que a minha elasticidade é incrível e que levo muito jeito para a dança e tal. Mas, se antes essa avaliação me enchia de orgulho, agora virou um tormento, pois ele passou a exigir mais de mim do que das outras meninas.

A aula passa voando e já está na hora de voltar para casa. Tomo um banho apressado e corro para o ponto de ônibus. Falta pouco para a noite se instalar e a temperatura caiu um pouco, o que é um alívio. Apesar de ser outono, tem feito alguns dias bem quentes, intercalados por uns poucos dias gelados. Hoje, está terrivelmente abafado.

Entro no ônibus empurrando e sendo empurrada e, bingo: consigo um lugar junto à janela! É hora do rush, todos só pensam em chegar logo aos seus desitnos, o que faz com que qualquer espaço seja disputado a empurrões. Apesar de andar de "busão" não ser cômodo como voltar com o motorista do meu pai, prefiro mil vezes essa sensação de liberdade a ver a cidade passando pela janela do banco de trás de um Mercedes. O carro do

meu pai é silencioso como um túmulo, ainda que lá fora a cidade esteja gritando. E me falta oxigênio quando sinto o ar-condicionado irritantemente agradável, ainda que o mundo esteja suado e se abanando. Quando tenho uma crise, minha mãe diz que é *asma*, mas eu acho que é tédio ou medo de não pertencer a este mundo. Então, andar a pé pela cidade foi a maneira que encontrei para me sentir viva. Às vezes, até esbarro em alguém de propósito. Evidentemente não foi nada fácil convencer meus pais a me deixarem circular de ônibus como uma reles mortal, principalmente minha mãe, que acha que a cidade pode devorar sua filhinha a qualquer momento.

A noite já não é uma promessa e as primeiras estrelas surgem no céu. O ônibus encosta no meio-fio para que mais pessoas entrem, embora já esteja superlotado. Um rapaz se desequilibra com a freada e solta um palavrão. Agradeço secretamente estar sentada, pois é tanta gente amontoadada em pé, que até parecem blocos de lego encaixados. Pego minha mochila do chão e a coloco no colo, com receio de que deslize por baixo dos bancos na próxima freada.

Entediada, desligo-me da discussão do casal sentado atrás de mim e passo a observar, com a cabeça apoiada na janela, o caminhar apressado das pessoas na calçada. Meu olhar segue até a esquina. Foi então que o vi. Mesmo de longe, reconheço a vasta cabeleira cor de mel, cujo penteado, ou ausência dele, faz parecer que sua cabeça dispara labaredas de cabelo em todas as direções. É o “babaca” da minha sala que ousou criticar meu desenho. Segundo a Rafa, ele se chama Cauê e foi expulso da escola anterior. O motivo, ninguém sabe. Como eu havia perdido a primeira semana de aula, por estar na Europa com meus pais, não fiquei sabendo do babado que a Rafa só me contou esta manhã, ao me ver aos gritos, tentando tirar

satisfações com o tal moleque. Ela me contou que quando ele entrou no colégio, alguns meninos estavam zombado, sem trégua, do seu jeito de se vestir. E que ele foi aturando tudo calado, até que, no intervalo do terceiro ou quarto dia, perguntou quem era o aluno mais brigão e temido do colégio. No recreio, foi até o dito cujo e iniciou uma briga por nada, na frente de todos. No começo, ele apanhou muito. O outro era da turma do último ano, bem mais velho, maior e mais forte. O grandão derrubou Cauê sem dificuldade e o esmurrou seguidamente, para diversão da plateia, que aplaudia e assobiava sem dó. Porém, de tanto o grandão bater, suas mãos se tornaram uma grande ferida e seus golpes foram perdendo intensidade. Foi aí que Cauê virou o jogo: num gesto rápido e inesperado, fez um rolamento e conseguiu sentar sobre o peito do oponente. A Rafa disse que ele o surrou até que pedisse clemência, feito suficiente para comprar sua paz no colégio, pois quem não presenciou a cena, soube da façanha pelos outros. E aí, como todo boca a boca, a história ganhou contornos épicos. Desde então, ninguém se mete com ele. E, verdade seja dita, ele também não incomoda ninguém. Bom, isso explica por que a maioria dos garotos evita até olhá-lo diretamente.

Observo Cauê através do vidro. Segundos que levam horas. Cauê está encostado a um poste, comendo biscoitos. Ele checa as horas no pulso com aparente impaciência. Olha para um lado e outro, desconfiado. Ao seu lado, no chão, uma mochila de lona. É a primeira vez que eu realmente presto atenção a esse garoto. Talvez eu esteja dedicando mais atenção a ele, neste breve instante, do que em todo o semestre passado.

Um mendigo o cumprimenta de longe de uma maneira que só velhos amigos o fazem. Ele atira o que resta do pacote de biscoito ao sujeito, que o segura no ar. Depois, é a vez de um ambulante passar por ele e trocar

acenos. Curto a sensação de observar sem ser notada, como quem espia pelo buraco da fechadura. Ele descobriu um segredo meu, e algo me diz que agora é minha vez.

Uma sirene de polícia surge distante, quebrando a rotina. Os carros abrem caminho até formarem um corredor livre. O ônibus, que já retomava seu curso, freia bruscamente, dando passagem à viatura. Ouço um xingamento. Alguém reclamando da freada, mas nem me viro para identificar o autor. Estou concentrada no Cauê, que em vez de esticar o pescoço para saber do que se trata, como todos que ali estão, fica nervoso com a sirene e imediatamente se agacha. Com o rosto virado para o chão, finge amarrar o tênis e assim fica até a sirene se tornar um chiado distante.

Sem pensar direito no que estou fazendo, levanto-me e toco a sineta para descer. Ouço o resmungo do motorista, irritado pelo aviso tardio. Peço licença a alguns passageiros, outros simplesmente afasto com a mão. Desço do ônibus sem saber bem o que pretendo fazer em seguida.

Assim que o ônibus parte, localizo meu alvo. Ele fala com três garotos que chegaram dando-lhe soquinhos leves e apertos de mão efusivos. Mais garotos se aproximam. E também uma menina. Aparentam não mais do que dezesseis ou dezessete anos. Um deles está numa cadeira de rodas elétrica e, como os demais, também carrega uma mochila, só que a dele está pendurada no encosto. O grupo se fecha numa rodinha em torno do Cauê, que abre a mochila e vai retirando algo repetidas vezes e distribuindo aos demais. Imediatamente, eles guardam o que recebem. Tudo acontece tão rápido e eles estão tão próximos uns dos outros, que não consigo descobrir

do que se trata.. “Seriam armas?”, desconfio. “Ou drogas?!”, suponho, com um frio na barriga.

Cauê faz um sinal, convocando-os, e parte com a mochila às costas. Todos o seguem prontamente. Em nada ele lembra o rapaz introspectivo que mal abre a boca em sala de aula. Como um típico grupo de adolescentes, caminham rindo, empurrando-se e provocando uns aos outros.

Mais de uma vez um deles olha para trás, exigindo que eu me esconda atrás de um carro estacionado ou apenas me misture aos pedestres. A caminhada é longa. Sigo-os de longe por dezenas de quarteirões. Cauê é bem popular, não só com sua turma, mas, também, com a gente simples da cidade. Ou, como diria minha mãe, com a “gente menos letrada”. Por onde ele passa, não há um morador de rua, pedinte, ambulante ou guardador de carro que não o reconheça. Todos fazem questão de cumprimentá-lo. Foi então que todo o grupo entrou num velho sobrado abandonado, sumindo da minha vista.

“Ferrou! E agora?”, eu penso.

Ando em círculos, argumento comigo mesma se já não é hora de voltar para casa. Um anjinho prudente sopra no meu ouvido que minha mãe ficará preocupada com o atraso e que, seja lá o que aqueles delinquentes estejam tramando, cheira a encrenca. Porém, de outro lado, há um diabinho, mais persuasivo, dizendo: “Eles são só garotos... e você não veio até aqui para voltar, não é mesmo?”

Eu, que vivo afirmando não conseguir resistir ao desafio quando alguém me diz: duvido! agora tenho a chance de provar a mim mesma que sou realmente corajosa. “Então, o que está esperando?”, penso, determinada.

Respiro fundo e, com passos firmes, atravesso o portão de ferro que separa a calçada do terreno do sobrado. Porém, à medida que caminho, suavizo minhas passadas. Se eu pudesse, levitava, só para não fazer barulho. Com o ar trancado nos pulmões e pisando na ponta dos pés, me esgueiro pela porta da frente, entreaberta. Apavorada, meu coração bate tão alto que receio que ele denuncie minha presença. Pelos sons das risadas e das brincadeiras, percebo que estão mais ao fundo da casa. E vou me aproximando deles por um corredor que dá acesso a vários cômodos.

Cauê e os outros estão reunidos onde um dia já foi uma sala de estar. A bagunça lá é grande, típica de lugar abandonado. Trabalhando em mutirão, os garotos livram as paredes de qualquer coisa que ainda esteja pendurada nelas. Tão entretidos estão que eu poderia até assobiar e ainda assim não notariam minha presença. Mas o medo fala mais alto e eu me escondo ainda mais, com receio do que fariam comigo se me descobrissem.

– Essa é minha – Cauê anuncia, apontando para a maior parede de todas. Parece querer abraçá-la.

– Então, eu fico com esta – diz o magrelo, ajeitando os óculos redondos no nariz ao mesmo tempo que tira algumas latas de spray da mochila e as deposita cuidadosamente no chão. O gesto é repetido pelos outros, cada um em frente a uma parede, organizando seu material: uns, enfileirando-os por tons, do mais claro ao mais escuro. Outros, seguindo uma lógica que não consigo decifrar. Quem sabe pela sequência que os usarão, sinal de que o desenho já estaria pronto na cabeça de cada um?!



– Isso tá muito quieto – reclama o garoto na cadeira de rodas. Ele abaixa a lata de spray e interrompe aquele que seria seu primeiro jato de tinta na parede branca.

– Pô, dá pra escutar a respiração de vocês. Assim não consigo me concentrar – ele diz.

Instintivamente tranco a respiração.

O garoto se curva e liga o aparelho de som fixado logo abaixo do assento. Espero por um hip hop ou techno. Ou, ainda, um heavy metal bem hard que faria vibrar as paredes da casa. Mas, para minha surpresa, a escolha passa longe disso. Depois que ele apertou o play, de mansinho, surge o som de uma flauta solitária, num ritmo entre o marcial e o clássico. Os garotos aprovam a escolha.

A melodia é curta e se repete cada vez com mais vigor. Novos instrumentos surgem, e depois outros e mais outros... cada vez mais alto. É uma sensação quase apoteótica.

– Yeeeees – Cauê grita –, mandou bem, cara – elogia, batendo uma lata de spray na outra, como pratos de uma sinfônica. No outro canto da sala, outro garoto faz com que a bolinha dentro da lata, à medida que mistura a tinta, pulse no mesmo compasso da música.

Cauê dá dois passos para trás, para avaliar sua "tela de pintura" ainda virgem. Depois, ainda movendo-se na cadência da música, aproxima-se num rompante e aperta o spray. Dançando sozinho, ele risca o espaço de ponta a ponta com um traço firme. E depois outro e mais outro.

Cada garoto, em seu mundo particular, se ocupa de sua própria produção. Não estão sozinhos na sala, mas é como se estivessem. Só a música a uni-los. Fico em dúvida se a melodia os está guiando ou o contrário.

A música é contagiante. "Eu já ouvi isso antes", penso, puxando pela memória. Começo a regê-la como um maestro, mexendo involuntariamente as mãos num movimento de ondas, para a esquerda e para a direita, só que minhas baquetas são imaginárias. "Já sei, claro... é o Bolero de Ravel!", lembro. Já dancei "isso" numa apresentação de jazz.

A melodia finda e recomeça uma vez mais, porém com outro instrumento solando, talvez um trompete. Ouço ao fundo o sacudir de latas e o chiado de tinta sendo libertada e transformada em retas, curvas e pontos. No lugar antes vazio, surgem formas, letras, sombras e contornos.

De longe, tento adivinhar as imagens. Desenhos gigantescos e multicoloridos vão lentamente se formando. Saltando das paredes... adquirindo vida! Eu nem pisco. Fico hipnotizada, vendo-os trabalhar. Cauê parece ser o mais experiente. Vez ou outra, ao olhar de relance a produção de alguém, elogia algum detalhe ou, ao contrário, faz recomendações em frases curtas:

- Ajeita essa sombra.
- Reforça a borda.
- Põe mais uma camada de tinta ali, ó.

Não há disputa nem competição. Quando um deles precisa de uma cor diferente, basta pedir e alguém joga uma lata em sua direção. A lata é apanhada no ar sem um agradecimento sequer. Não é necessário. São amigos e estão concentrados demais para formalidades.

O Bolero de Ravel finalmente acaba. Os últimos jatos de tinta são dados em pequenos arremates. O que de início me pareceu vários desenhos isolados, agora compõe uma única obra que preenche todo o cômodo.

É hora de partir ou serei descoberta.

Já estou na porta, andando na ponta dos pés, quando ouço a voz do Cauê dizer que ainda falta algo. Volto correndo, a tempo de vê-lo assinar o trabalho: TW6.

Saio dali borbulhando de emoção. Procuo um taxi... os Ubers caem direto no cartão da minha mãe, que controla meus movimentos como se fosse a moça do GPS. Sinalizo para um taxi e imploro ao motorista que faça o trajeto mais curto até minha casa.

– Pode correr – digo. "Se possível, que seja tão rápido que o tempo volte atrás para eu chegar no horário que minha mãe estabeleceu, três horas atrás", penso.

O trânsito está calmo; ainda assim, o táxi se arrasta pelas ruas vazias. Trabalhadores e estudantes já devem estar em suas casas. Eles não ficarão de castigo. A música ainda toca na minha cabeça. Eu nem preciso fechar os olhos para rever todos aqueles desenhos diante de mim. Eles se misturam com a cidade que passa pela janela. Na minha cabeça, duas certezas: a primeira é que estou ferrada pelo mega-atraso. A outra, é que tenho de falar com aquele garoto. Ainda que o odeie, preciso arrumar um jeito de convencê-lo a me ensinar tudo o que sabe.



## III – Defendendo meu castelo

Atrasado como sempre, Cauê abre a porta da sala no exato instante em que a professora de literatura pronuncia seu nome na chamada. Ele responde com um breve aceno, em vez do habitual “presente”, e se dirige para o fundo da sala.

Eu simulo um sorriso, fecho a mão direita e a levanto da mesma maneira que os amigos dele se cumprimentam, na esperança de que ele retribua.

– Beleza – digo, forçando um tom que só velhos amigos utilizam.

Cauê passa direto por mim, desviando sutilmente com um contorcer de quadril, rumo ao fundo da sala, como se ele fosse um motorista e eu, uma coluna de garagem.

Rafa, logo atrás, não segura o riso e cai na gargalhada.

– Ficou no vácuo, gata?

– Não tenho pressa – retruco, recolhendo a mão.

– Você não tem é juízo – Rafa alerta uma vez mais. – O nome desse moleque é encrenca!

– Sério? Legal! – desdenho. – Gosto de fortes emoções. Mas fique sabendo que meu interesse por ele é somente artístico.

– Ah, é? Nem te conto por quem tenho “interesse artístico” – diz, zombando.

A professora de sobrancelhas desenhadas a lápis nos chama:

– As duas mocinhas que não param de tagarelar... preferem conversar na coordenação?

– Não, obrigada – Rafa responde. E continua falando comigo.

– Ah... E ainda por cima são debochadas – a professora compra a briga, sentindo-se desafiada diante da turma.

– Tá louca? – ralho baixinho com a Rafa.

– Eu achei que ela tava perguntando... – ela sussurra de volta.

– Só voltem aqui quando tiverem o carimbo da coordenação! – Ela diz, com cara de megera.

Então me dou conta de que isso não é uma ameaça, é a própria sentença. Um julgamento sem direito de defesa.

– Mas, professora... – argumento, desesperada só de me imaginar tentando explicar a advertência para o meu pai. – Mas... Mas...

– Já demorou! – A professora encerra a questão, apontando para a porta.

Sem alternativa, eu e a Rafa saímos, cabisbaixas, e só retornamos à sala meia hora depois, com nossas agendas devidamente anotadas, e à espera do "ciente" dos nossos pais.

Agora, o layout das carteiras é outro, com a turma trabalhando em duplas.

– Estamos todos fazendo um exercício – A professora resume, sem nem levantar a cabeça. Isso não é verdade: ela está ocupada em sua mesa lixando as bordas das unhas, enquanto boa parte da sala finge fazer o tal trabalho proposto.

– Sim, senhora – digo num tom submisso. – Rafa, "bora", fazer o trabalho.

E a puxo em direção às nossas carteiras, antes que ela deixe escapar alguma bobagem que aumente nossa pena.

– Vocês não acham que vão se sentar juntas, não é mesmo?! – A professora nos corrige.

Ingênuas, eu e a Rafa confirmamos com a cabeça, numa coreografia não ensaiada. Porém, ao vermos seu olhar nos fuzilando, entendemos que a regra do jogo havia mudado.

– Sim, "fessora". Quer dizer, sim, nós *não* achamos que sentaremos juntas – dizemos, mudando o balançar de cabeça para uma sequência de "nãos". Sabíamos que com a Marinalva, de literatura, não adiantava discutir.

Ela corre os olhos rapidamente pela sala e decreta:

– Rafaela, sente-se com a Amanda e a Cláudia. E você, Nicole... – Ela para um minuto e avalia onde me colocará. – Você pode sentar com o rapaz sozinho lá do fundo – ordena, apontando para o Cauê e revelando que nem ela sabia de cor o nome dele.

Tenho vontade de beijar a anotação na minha agenda, mas prefiro disfarçar meu contentamento enquanto caminho em direção ao Cauê, com receio de que a professora mude de ideia. “Yes, valeu a pena!”, comemoro secretamente.

– Então, agora somos uma dupla? – Puxo assunto, enquanto arrasto minha carteira para perto dele, que já iniciara o trabalho.

– Somos? – ele questiona, levantando os olhos e me encarando.

– Unrum – respondo, sentando ao seu lado. – Tipo: piloto e copiloto – brinco, esperando uma risada que não veio.

– Temos um trabalho a fazer – murmura, sem dar muita bola para mim.

– Beleza – concordo, esticando o olhar para ler a tarefa no quadro, e pergunto: – Vale nota?

– Faz diferença? – ele retruca, com os olhos no caderno.

Esse garoto é mesmo desse planeta?, eu me pergunto. Aturá-lo será um teste de paciência.

– O.k., ao trabalho – digo, abrindo o caderno.

\* \* \*

Tínhamos um trabalho a fazer e foi o que fizemos. Trabalhamos concentrados: eu, concentrada em parecer inteligente, simpática e divertida,

tudo ao mesmo tempo, para fazê-lo baixar a guarda. Só assim poderei convencê-lo a me ensinar tudo o que sabe. E ele, indiferente a minha presença, concentrado na tarefa. Mas se eu esperava surpreendê-lo com minha simpatia, foi ele que me deixou espantada ao completar sozinho, depois de uns vinte minutos, antes de todo mundo, o trabalho em dupla para o qual a professora destinou a aula inteira.

– Uau, muito bom! – eu elogio, enquanto ele põe o ponto final e larga a caneta.

Olho o relógio e constato que ainda temos quase vinte minutos para o fim da aula. Perfeito!

– Já que temos tempo sobrando, que tal me explicar o que quis dizer ontem sobre o meu desenho? – Peço, tirando da mochila a folha que arranquei do caderno e colocando-a sobre a carteira dele.

– Ahn? – demorando pra entender do que estou falando. – Ah, esquece, é só um desenho – Ele desconversa ao ver meu castelo, afastando a folha e tirando do bolso um fone que vai plugando no celular.

– Ah, mas não mesmo – protesto, realmente brava, impedindo-o de botar os fones, e exijo: – Anda, fala!

– Faltam vinte minutos. – A professora avisa, erguendo o olhar para a sala por um único instante, logo voltando sua atenção para suas unhas vermelhas recém pintadas. Ela assopra a tinta fazendo biquinho.

Cauê hesita por um instante antes de ceder ao meu pedido.

– Beleza, então vou dizer o que penso – avisa, com um suspiro de impaciência. – Você que pediu! – E pega meu desenho e o ergue diante de si.



Ele morde o canto do lábio enquanto seu olhar corre de um lado pro outro da folha. Parece um professor corrigindo uma prova de aritmética. Ele fica assim, em silêncio, por algumas semanas. Tá, na verdade foram só alguns segundos, mas o suficiente para me fazer bufar de impaciência. Eu o cutuco, exigindo algum comentário. Ele faz uma careta.

– Gosta de flores, hein?! – ele finalmente comenta, apontando para o campo florido em frente ao castelo.

– Se eu pudesse, acho que transformaria o mundo numa floreira – digo com um suspiro, enrubescendo logo em seguida, arrependida do comentário meio infantil.

– Unrum, sei – ele murmura, parecendo entediado – uma montanha, um castelo, muralhas – e vai descrevendo em voz alta o que vê – faltam as ameias e as janelas seteiras. – murmura, mais para si, do que para mim.

– As... o quê?

– Na muralha; as de verdade não são lisas como estas aqui. Têm "dentes" de onde os soldados atiram – ele diz, me devolvendo o desenho e colocando os fones.

– Tá, entendi. E o que mais? – insisto, tirando-lhe os fones e exibindo novamente a folha diante dele.

– Que mais? – Ele pega a folha com as mãos e, contraindo as sobrancelhas, continua: – Tá certo, vejamos o que mais temos aqui... nuvenzinhas fofas no céu, grandes torres, uma mulher...

– É uma princesa – eu explico, tampando a boca em seguida. “Meu Deus, o que ele vai achar de mim?”

– Uhm, princesa – ele murmura, ameaçando um riso.

– Tá, mas e o conjunto? A perspectiva, a proporção. Tá legal? – questiono, com uma voz pretensamente casual, mal disfarçando a insegurança que ele provoca em mim.

– É, até que o desenho tá legalzinho – avalia, entortando a boca e largando o papel na minha carteira.

– Legalzinho? – bufo, indignada com a avaliação. “Babaca!”, penso, me controlando para não xingá-lo. – Foi isso mesmo que você disse? Legalzinho?

– Você que perguntou! – ele confirma, cruzando os braços. – Faltam algumas coisas...

– Ah, é? Então me diga o que você faria nele se pudesse, sabichão? – eu o desafio, empurrando o desenho de volta para ele.

– O que eu faria? – indaga com um riso debochado, quase diabólico. – Essa é fácil!

Cauê pega um punhado de lápis do meu penal e começa a desenhar algo em frente à muralha. Não demora e vejo surgir dezenas de soldados com armaduras e escudos. Alguns carregam lanças, outros erguem espadas.

– Ei, o que é isso?

Ele amplia ainda mais o sorriso e avisa:

– Vou atacar seu castelo fajuto com meu exército de mercenários!

De repente, meu lindo castelo de conto de fadas está cercado por guerreiros mal-encarados, armados até os dentes. Seus traços são rápidos e precisos. Os soldados parecem mesmo ameaçadores. Num estilo que mistura mangá com heróis da Marvel.

– Me dá isto aqui! – Arranco o desenho das mãos dele e o coloco, uma vez mais, diante de mim, irritada. Depois de um tempo em silêncio avaliando a interferência, bronqueio: – Eles estão pisando nas minhas flores! – exclamo. Não sei por que, mas isso foi o que mais me aborreceu.

Cauê coloca as mãos atrás da cabeça e estica as pernas, cruzando-as sob a carteira.

– Guerra é guerra! Acho que sua princesinha está em apuros – zomba, certamente esperando por mais alguma reclamação.

– Ah é? Você que pensa. Vamos ver como seus soldados se viram com uma chuva de flechas – eu revido desenhando uma dúzia de arqueiras na muralha e nas torres. E minha pequena tropa atira suas setas em direção ao exército dele.

Cauê aperta os olhos e diz:

– Mocinha, não entre numa briga que não pode sustentar. – E retoma a folha, acrescentando ali uma enorme catapulta, que lança pedras gigantescas contra o castelo.

– Com licença – ele exclama, apagando com a minha borracha parte de uma das torres. Em seguida a redesenha parcialmente destruída e me devolve a folha. Seu olhar é triunfante.

– Se a princesa quiser erguer a bandeira branca, vou entender – provoca, esperando minha rendição.

– Tá certo – finjo concordar. Apago um dos braços da princesa e, com um lápis, "puxo-o" para cima, deixando-o erguido, de forma a parecer que em seguida desenharei em sua mão a bandeira com a qual me renderei.

Cauê infla o peito, sentindo-se vitorioso. Mas só até ver que, em vez de uma bandeira branca, completo o desenho fazendo uma mão fechada com o dedo do meio esticado.

– Opa! – ele comenta, endireitando-se na cadeira. – Não se fazem mais princesas como antigamente...

– Dez minutos. – A professora alerta, se erguendo com o pescoço esticado como um cuco de parede.

O aviso parece dar um sentido de urgência à reação do Cauê. Ele estica sua mão para pegar a folha, mas com meu braço esquerdo protejo o papel, enquanto continuo minha intervenção.

– Pssss. Ainda não acabei! – Digo, sem tirar os olhos da muralha onde insiro duas guerreiras entornando um enorme caldeirão com óleo fervente. E, sobre o exército dele, acrescento várias frases de dor com diferentes tipos de letra, imitando os velhos gibis: ohhh, ahhh, socooooooooorro!

– Quando sou boazinha, vou no piloto automático. Mas quando quero ser má, ligo o turbo. – digo, entregando a folha pra ele – Então, se quiser me acompanhar, bota o cinto.

– Cauê coça o cocuruto enquanto sua “tropa” é dizimada e comenta:

– Isso deve doer.

Ao observá-lo analisar o mundo de ficção que criamos juntos, me dou conta de que, ainda que estejamos "guerreando", é a primeira vez que alguém entra no meu “universo paralelo”.

– O.k., então, você quer jogar pesado. Que assim seja – ele anuncia, com uma voz ameaçadora. E desenha no canto do papel mamutes gigantescos, com presas enormes, marchando em direção ao castelo. As patas levantando

poeira. Sobre as costas deles, cestos com soldados armados de arcos, lanças e espadas. Montado no pescoço do mamute que lidera o grupo está o comandante, cujos traços correspondem ao do próprio Cauê, com o braço esticado à frente ordenando o ataque.

Avalio por um tempo o papel onde minha princesa e seu reino estão em sérios apuros. Em nada lembra meu sonho de um dia ver um príncipe chegando em seu cavalo branco com um buquê nas mãos. Tenho vontade de esganá-lo. Ao invés disso, pergunto, fingindo desinteresse:

– Isso é o melhor que você pode fazer?

Ele dá de ombros.

– Eu tava só me aquecendo. – ele diz.

– Aquecendo, é? – retruco – Tá aí, boa ideia! Acho que posso te ajudar...

Como um arqueiro abastecendo sua aljava antes do iminente combate, encho uma das mãos com um bom punhado de lápis. Escolho um deles e me ponho a desenhar. O grafite corre no papel deixando seu rastro.

Impaciente, Cauê tenta adivinhar o que estou tramando.

– O que é isto? Uhm, ele tá voando? – Calma!

– Já sei. É um helicóptero!

– Não, espera! – eu digo, irritada.

– Tem asas... então é um avião?!

– Pior, muito pior!

– Ei!, isso aí é um...

– Unrum – concordo com a cabeça, ainda que ele não tenha completado a frase –, é, sim... É um dragão. E dos grandes.

O bicho parece uma tatuagem que fugiu de um corpo bronzeado. A perfeição do desenho impressiona o Cauê, ainda que ele não diga. Ao invés de elogiar, ele protesta:

– Não vale! Dragões não existem.

– Ah, é? E os mamutes? Achei que já estivessem extintos – retruco, sem tirar os olhos da folha, onde meu lápis de ponta dourada distribui aqui e ali os últimos detalhes da fera.

– Acabou? – Ele quer saber, esticando seu braço para alcançar o papel.

Dou um tapa na sua mão. Por reflexo, ele recua.

– Garoto, eu tô só começando! – digo com voz intimidadora, provocando uma gargalhada gostosa nele. – Tá faltando uma coisa! – penso alto, como se já não tivesse planejado antes o que faria em seguida.

Enquanto ele volta a protestar, tentando, sem sucesso, retomar o papel, dou o acabamento. Para isso, troco os lápis com cores escuras por outros com tons mais vivos.

– Prepare-se! – anuncio. E faço uma enorme chama vermelha e amarela surgir da boca do dragão e, a partir dali, tomar conta de metade do papel, transformando o exército do Cauê em churrasquinho.

Como um bom comandante, Cauê analisa a situação para encontrar uma maneira de revidar o golpe sujo.

– Tempo esgotado! – A professora se levanta e solicita que os alunos entreguem seus trabalhos.

– Então, venci! – anuncio, proclamando, com um sorrisinho matreiro, a minha vitória.

– Hitler é um anjinho comparado a você! – ele afirma, enquanto se levanta.

Depois de jogar sua mochila no ombro, ele pega nosso trabalho para entregá-lo a professora. Mas antes de sair, estica a mão oferecendo o punho cerrado na minha direção. Eu prontamente o soco, com minha mão também fechada.

– Valeu! – ele diz.

– É, valeu. – eu respondo, simulando pouco caso, mas secretamente tentando entender de onde vinha aquela sensação de mil borboletas batendo asas dentro do meu estômago.

\* \* \*

A aula do dia seguinte começa com um *déjà vu*: Cauê chegando atrasado, no exato momento em que seu nome é chamado pelo professor, escapando assim, no último segundo, de levar falta. “Como ele consegue?”, especulo. “E qual é a dificuldade dele de chegar no horário?”, fico pensando, vendo-o arrastar-se até o fundo da sala como se carregasse um saco de areia nas costas. Reparo no que parece ser a resposta: enormes olheiras de quem não pregara os olhos a noite toda. Aposto que estava com seus amigos, pintando muros e paredes pela cidade.

Enquanto a manhã corre mais lenta que o relógio, fico planejando a melhor maneira de abordá-lo. Apenas na última aula consigo reunir coragem para cortar um pedaço de papel do caderno e escrever, com letra de forma, algumas poucas palavras: “Posso ir junto da próxima vez?”. Dobro a folha duas vezes transformando-a num bilhete. Em vez de passá-lo adiante, fico

com ele mais um tempo. Desdobro-o e observo seu conteúdo singelo. Acho que está faltando algo. Acrescento florzinhas nas bordas, como uma moldura. “Agora, sim!”, sorrio, satisfeita. Verifico se o professor não está olhando e viro para trás de sopetão, pedindo à Rafa que o entregue ao Cauê, que está sentado numa carteira atrás dela.

– Ah, mas não mesmo. Entrega você – ela balbucia, chegando para o lado e me deixando frente a frente com ele.

– Please – insisto.

– Nem a pau! – ela responde, cruzando os braços.

Curioso da nossa disputa sobre o bilhete, Cauê se estica todo na cadeira e, num bote rápido, o alcança e o recolhe para si.

Eu e a Rafa emudecemos. E assim ficamos, congeladas, enquanto ele lê o bilhete sem expressar nenhuma reação.

Esperando sua resposta, revezo o olhar no professor, que explica a matéria no quadro, e no Cauê.

– Ir junto aonde? – finalmente ele murmura, com o bilhete aberto nas mãos.

Respondo sem som, mas forçando a pronúncia de cada sílaba, para que ele faça leitura labial:

– PA-RA-DE-SE-NHAR! – digo. – NA-PA-RE-DE! – completo.

– Ahn? – ele abre os braços com a palma das mãos para cima e chacoalha a cabeça em negativa, para que eu saiba que ele não está entendendo nada.



Eu me viro completamente para trás e finjo segurar uma lata de spray. Depois, faço “Shhhhhhhhh” no ar, intercalando com o gesto de sacudir a lata imaginária. Repito isso várias vezes. Os olhos arregalados do Cauê parecem querer me dizer algo. Só então percebo que todos me observam, inclusive o professor, que parou a explicação. Faço um último “Shhhhh” e viro para a frente, engolindo em seco uma saliva que desceu arranhando a garganta.

Cauê, envergonhado, escorrega na cadeira, enquanto a Rafa, que desistiu de me avisar, tampa o rosto com ambas as mãos.

– Posso continuar a aula, Nicole, ou você ainda pretende matar muitos mosquitos?

A sala explode numa sonora gargalhada.

Tenho vontade de chorar. Nunca desejei tanto ser abduzida por extraterrestres. Penso em pular a janela gritando todos os palavrões que eu sei ou me levantar e sair correndo e nunca mais voltar. Mas, em vez disso, viro com veemência a página do meu caderno para uma folha em branco e começo a desenhar freneticamente, enquanto o professor retoma a explicação e a sala volta a prestar atenção nele. Quer dizer, todos menos Cauê, que me observa, curioso.

Desta vez, prefiro não pedir a minha ex-melhor amiga para mandar o recado. Assim que termino o desenho, amasso-o e o jogo com toda força em direção ao Cauê, que se abaixa para não ser atingido na testa.

Depois de recolher a bola de papel do chão, ele fica com a folha aberta diante de si, sem dizer nada. Suas sobrancelhas estão contraídas.

– Vo-cê-me-se-guiu? – ele balbucia. – Sua, sua...

Antes que escolha o adjetivo, viro de costas para ele e cruzo os braços com força. Se ele está bravo, eu estou possessa.

“O.k., se é assim, que se dane! Ele não é a última bolacha do pacote”, rumino. Meus pensamentos são interrompidos por uma bolada de papel na minha nuca. Olho para trás e bufo forte, encarando-o. Coloco todo o ar para fora do pulmão num suspiro de desdém. Ergo o queixo e torno a me virar para a frente, sem pegar o recado enviado. “Otário!”, resmungo.

A aula transcorre sem que ninguém faça nenhum movimento brusco: finjo prestar atenção na equação de segundo grau, cuja resolução o professor demonstra passo a passo.

– Quer que eu pegue? – Rafa se oferece, num sussurro, obviamente se referindo à bola de papel amassado, ainda no chão.

– Não ouse tocar nela – ameaço, falando entredentes.

O sinal toca. Todos vão embora, menos eu, que, mesmo sozinha, disfarço ao pegar a bolinha que o Cauê enviara. Abro-a lentamente, temendo o pior. Encontro o mesmo desenho que eu jogara para ele minutos atrás: o sobrado, com os garotos desenhando imagens multicoloridas nas paredes com seus sprays. O desenho que eu fiz ficou tão incrivelmente fiel à cena vivida, que até eu me impressionei com a semelhança. “Nada mal”, pensei. No canto, com uma letra que não era minha, estava escrito: “O.k., encontre-se comigo à meia-noite em frente ao obelisco. Não se atrase!”. Embaixo, em vez do seu nome, vejo a assinatura: TW6.